

BETAR & ARTES LETRAS

#133 | SETEMBRO | 2021



Mário Laginha e Pedro Burmester

Orquestra Metropolitana de Lisboa
inicia a temporada 21/22
com um concerto para dois pianos

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Ponte de Caia, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Depois de um verão ainda “a meio gás”, no que respeita a eventos culturais, setembro chega com várias propostas interessantes.

O Museu de Arte Contemporânea do Chiado tem em exibição a coleção Ernesto de Sousa, com cerca de 124 obras, de 62 artistas. Na Culturgest, está patente “Mão-de-obra”, a primeira exposição antológica de António Bolota, com peças fundamentais do seu percurso.

Na Aula Magna, a Orquestra Metropolitana de Lisboa inicia a temporada 21/22 com um concerto para dois pianos, pelas mãos de Mário Laginha e Pedro Burmester. O Sintra Jazz regressa ao Centro Cultural Olga Cadaval; e no Porto o North Music Festival apresenta uma programação de excelência.

Quanto a cinema, para além das estreias, haverá a sessão de encerramento do ciclo de cinema ao ar livre, que decorre no Areeiro, com a projeção de “Um Santo de Vizinho”, de Theodore Melfi. E no teatro, Pedro Penim encena a peça “Pais e Filhos”, a partir de um dos romances mais celebrados da literatura mundial, de Ivan Turgueniev.

Quem também regressa, para a 3ª edição, e para desafiar mudanças e reflexões, é a BoCA - Bienal de Artes Contemporâneas, um festival com mais de 40 artistas nacionais e internacionais.

A entrevista desta edição é com o arquiteto Filipe Mónica que nos explica o que pensa da arquitetura, quais os princípios que estão na base do seu trabalho e porque é importante lecionar.

BETAR

A BETAR esteve envolvida na reconversão de um prédio, na Travessa do Abarracamento de Peniche, com um piso térreo, cave, dois pisos elevados, águas furtadas, jardim e terraço



Esta intervenção consistiu na duplicação da área de garagem, com a construção de um módulo adjacente ao existente, e na ligação desta à pequena cave do edifício principal, através de uma galeria enterrada sob o jardim.

Sobre a garagem, ocupando metade da área em terraço, foi construído um pequeno estúdio independente. No edifício principal foram reforçados os pavimentos e introduzida uma pequena escada interior a unir os pisos 0 e 1 de um dos apartamentos, transformando-o num duplex. Ao alçado de tardoz, foi acrescentada uma pequena varanda ao nível do piso 2, com acesso ao jardim por uma elegante escada em caracol. A cobertura foi refeita, em estrutura metálica, com uma geometria que permitiu melhor aproveitamento do pé-direito disponível, de modo a tornar este piso mais amplo, e de onde se beneficia de uma vista descendente até ao rio.

Edifício no Príncipe Real, Lisboa

Projeto 2011-2012
Arquitetura: Filipe Mónica
Área de Construção:
800 m²
Especialidades:
Fundações e Estruturas,
Demolições, Escavação
e Contenção Periférica
e Redes Hidráulicas

À CONVERSA COM

Arq. Filipe Mónica

“[A arquitetura] presta-se sempre ao risco e à experimentação. Só assim pode ambicionar continuar a ser uma manifestação cultural da ação do homem na permanente renovação do mundo”



Porque decidiu seguir arquitetura e como foi o início da atividade?

Não sou um arquiteto “natural born” e venho de uma família sem antepassados arquitetos. O curso de arquitetura surgiu como uma escolha natural pela imagem atrativa que tinha da profissão e pela relativa facilidade no domínio da geometria e do desenho. Foi já no decorrer do curso que fui moldando o meu percurso e definindo os meus interesses. Logo a partir do segundo ano, comecei a ter experiências profissionais fora da escola. Após a conclusão do curso, o início da atividade profissional foi, por isso, relativamente natural: falei com o meu professor de projeto do último ano, o Manuel Aires Mateus, e ofereci-me para colaborar no seu atelier. O atelier ia entrar num concurso e a proposta que recebi foi muitíssimo estimulante: a de participar nesse projeto e, em caso de vitória, seria convidado a ficar. Foi o que aconteceu.

Porque optou por constituir atelier próprio?

Foi um passo natural. Em 1996 o atelier do Manuel e do Francisco Aires Mateus era pequeno e partilhava o espaço do atelier do Gonçalo Byrne. Para nós, colaboradores, foi um enorme privilégio viver esses anos muito intensos e poder absorver o melhor de cada um. Quando saí já tinha passado por todas as fases de projeto e de obra, e assumido a coordenação de projetos. Mas a transição foi relativamente suave, até porque já com atelier próprio continuei a colaborar com o Manuel e o Francisco. Por outro lado, as diferenças e os desafios

desse passo foram colossais, quer pela fascinante transversalidade a que o trabalho em nome próprio obriga, quer pelo crescimento exponencial que temos como autores - e conseqüente como pessoas - quando assumimos as rédeas e a responsabilidade de um projeto em nome próprio.

Quais os princípios que estão na base do seu trabalho?

Há muitas arquiteturas, muitas formas de abordar a profissão que, como atividade humanista, presta-se sempre ao risco e à experimentação. Só assim a disciplina pode ambicionar continuar a ser uma manifestação cultural da ação do homem na permanente renovação do mundo, que é como a encaro. Depois há a questão do permanente exercício de diálogo no jogo de contradições da arquitetura: entre a nossa vontade e a do cliente, entre os desejos de projeto e os obstáculos normativos, entre as diversas especialidades e parceiros, etc. E este é, penso, um dos princípios base do meu trabalho: a convicção que há sempre uma resposta criativa e evidente que nasce da fusão da enorme complexidade de dados sobre a mesa, em cada exercício de arquitetura. Outra questão é a de que a criação é um processo que nasce sempre de uma descoberta. Interessa-me muito o processo de chegar a uma solução, o prazer da investigação e compreensão da realidade que envolve cada caso.

Em 2016, recebeu o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana e o Prémio Construir.



Quais os principais desafios e obstáculos da arquitetura sustentável?

O desafio da arquitetura e da sustentabilidade são o mesmo, o que na obra referida - prédio no Príncipe Real - foi muito evidente. Em primeiro lugar porque não houve uma preocupação em abordar as questões da sustentabilidade de forma diferente das outras questões de projeto. Houve, como tentamos sempre fazer, um enorme rigor no trabalho, e a sustentabilidade acabou por receber visibilidade. Mas há outro ponto de vista importante, que naquela obra foi central: a compreensão holística do tema da eficiência energética e da sustentabilidade, que vai muito além das opções técnicas e materiais dos projetos. Toda a operação, desde a compra do prédio pelos proprietários até ao programa para as habitações, passando pelas delicadas decisões entre a nossa intervenção e as camadas temporais pré-existentes, teve como preocupação não apenas a sustentabilidade ambiental, no sentido estrito, mas também urbana, social, económica, cultural, etc. Por outro lado, trabalhamos com projetistas de muito boa qualidade nas várias especialidades (entre eles a BETAR), e isso foi - e é sempre - muito importante, pelas óbvias questões técnicas, mas

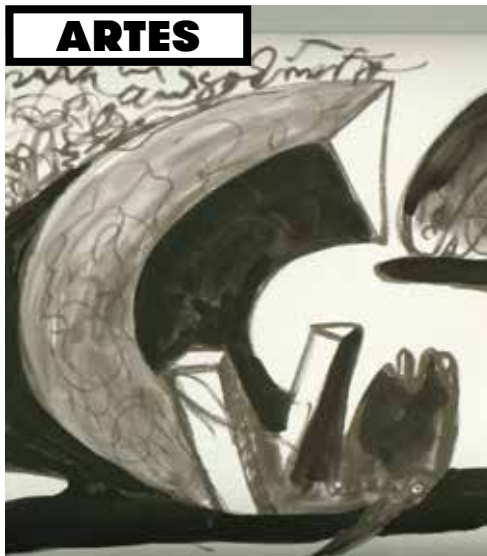
também porque isso nos dá liberdade para manter o foco na condução e coordenação geral dos projetos.

Lecionou arquitetura e faz investigação para doutoramento. O que mais o agrada nisso?

O território do ensino da arquitetura é, para quem projeta, uma área imensamente fértil. Se virmos uma sala de aulas, com 30 alunos, como um enorme atelier de arquitetura, com inúmeros projetos a acontecer em simultâneo e outros tantos autores, muito jovens, a refletir, desenhar, e a procurar soluções, em permanente experimentação e questionamento dos limites disciplinares. E se isto não fosse suficiente, o facto de entrar e sair de forma quotidiana do atelier permite ganhar uma distância crítica em relação ao lento e contínuo trabalho da prática de projeto. Tinha tido essa experiência entre 2010 e 2014 quando fui assessor na Ordem dos Arquitectos, na área dos Concursos de Arquitetura, que acabou por ser o tema da tese de Doutoramento que estou a desenvolver, como bolseiro da FCT, e que tem sido uma oportunidade muitíssimo estimulante de alargamento dos limites profissionais e pessoais.

SUGESTÕES

ARTES



Coleção Ernesto de Sousa

Esta mostra apresenta cerca de 124 obras, de 62 artistas entre pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, objetos e documentação diversa. Integra o conjunto de eventos ligados à comemoração do centenário do nascimento de Ernesto de Sousa, para homenagear uma das mais relevantes personalidades da contemporaneidade portuguesa. A exposição faz o cruzamento entre documentação do artista e as obras de arte que lhe foram oferecidas, ao longo da vida, por alguns dos mais relevantes artistas nacionais e internacionais, entre as décadas de 40 e 80 do século XX.

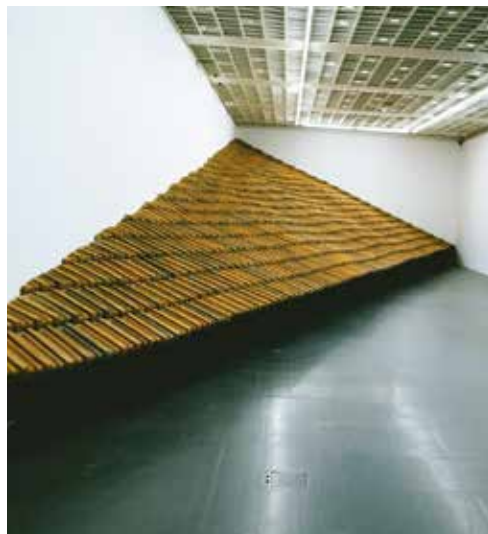
ATÉ 26 DE SETEMBRO

Museu de Arte Contemporânea do Chiad

ARTES

Coleção António Bolota

As obras de António Bolota partem frequentemente de elementos que estruturam os lugares que habitamos. O seu léxico escultórico é por isso composto por vigas, paredes, portas, pilares e todo o tipo de elementos do universo da construção civil e que, de tão familiares, se tornam invisíveis. O que não é, de todo, familiar é o modo como Bolota nos dá a ver estes elementos, deslocados dos seus usos, locais, escala e formatos habituais. “Mão-de-obra” é a primeira exposição antológica de António Bolota, com peças criadas para os espaços da Culturgest a par de peças fundamentais do seu percurso. **EM SETEMBRO**



Culturgest Lisboa

Depois de um verão ainda “a meio gás”, a reentré traz-nos muitas propostas culturais interessantes. Exposições, concertos, festivais de teatro e cinema, há de tudo em Setembro

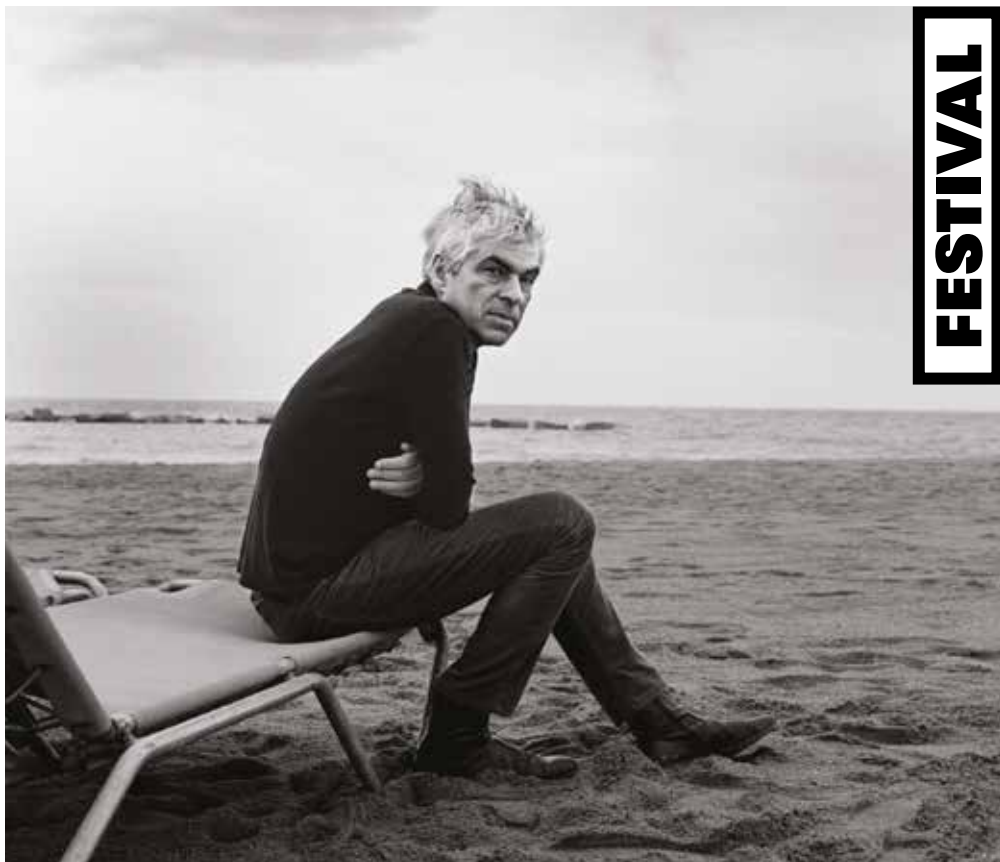


ARTES

Rapture de Ai Weiwei

O artista chinês Ai Weiwei, mundialmente reconhecido pela sua posição de ativista político, e por conectar a arte a questões sociais e de direitos humanos, trouxe para Portugal uma exposição inédita: “Rapture”. A mostra apresenta alguns dos trabalhos mais icónicos do artista, assim como obras originais, produzidas em Portugal, que exploram técnicas tradicionais revisitadas. Para Ai Weiwei, “Rapture” propõe apresentar as suas duas dimensões criativas: realidade e fantasia. Se, por um lado, Ai Weiwei é símbolo da resistência à opressão e defensor dos direitos civis e da liberdade de expressão, com uma ampla produção artística que marcou a luta nas últimas décadas; por outro também é um articulador das raízes culturais mais profundas da humanidade, em especial das tradições e iconografia chinesas. **ATÉ 28 DE NOVEMBRO**

Cordoaria Nacional



FESTIVAL

BoCA Bienal de Artes Contemporâneas

Prove You Are Human” é o desafio da 3ª edição da BoCA que apresenta 17 novas criações, com mais de 40 artistas nacionais e internacionais. De salientar o projeto “A Defesa da Natureza” onde serão plantadas 7.000 árvores, com a participação dos artistas. Diante da presente desumanização a que assistimos, a BoCA desafia mudanças e reflexões, para responder a um mundo contemporâneo em crise. Nesta edição, destaque para o musical “Andy”, de Gus Van Sant; a performance “Resistência”, do coletivo chileno LASTESIS; “Os Músicos do Tejo”, do realizador Pedro Costa; “O Terceiro Reich”, de Romeo Castellucci; “Brasa” de Tiago Cadete; “A Tralha”, primeiro texto teatral da rapper Capicua; e ainda “Quero ver as minhas montanhas”.

DE 3 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO

Lisboa, Almada e Faro
Programação completa:
<https://www.bocabiennial.org/programa/2021>



TEATRO

Pais e Filhos

Esta peça combina um dos romances mais celebrados da literatura mundial, com a linha da frente do debate social contemporâneo sobre um tema espinhoso, revitalizado pelo ativismo revolucionário queer: a abolição da família. “Pais & Filhos”, escrito por Pedro Penim a partir do clássico russo de Ivan Turgueniev, e com influência da feminista Sophie Lewis, dá continuidade a um trabalho de duplicidade entre o documento biográfico e a criação de um universo ficcional, procurando aprofundar o debate sobre a filiação e a família, envolvendo não só os espectadores de teatro mas também a comunicação social, a academia e a sociedade civil e expandindo a peça para uma dimensão que está para lá de uma história pessoal.

DE 15 DE SETEMBRO A 3 DE OUTUBRO

São Luiz Teatro Municipal
Texto e encenação
Pedro Penim
Interpretação Ana Tang,
Bernardo de Lacerda,
David Costa, Diogo Bento,
Hugo van der Ding, Joana
Barrios, João Abreu, Pedro
Penim e Rita Blanco

MÚSICA



Ciclo 30 anos Orq. Metr. de Lisboa

DIA 10 DE SETEMBRO NA AULA MAGNA, LISBOA

A Orquestra Metropolitana de Lisboa inicia a temporada 21/22, e o ciclo de celebrações do 30o aniversário, com um concerto para dois pianos pelas mãos dos inconfundíveis Mário Laginha e Pedro Burmester. Será apresentada a Sinfonia N.º 3, Op. 55, Eroica de L. V. Beethoven (maestro Pedro Neves).

Sintra Jazz 2021

DE 17 A 19 DE SETEMBRO NO OLGA CADAVAL, SINTRA

Enaltecer músicos de excelência e dinamizar o sector, nestes tempos particularmente difíceis, é o objetivo do Sintra Jazz 2021. Maria João e Carlos Bica Quartet atuam dia 17; Mário Laginha e Coreto Poeta-Jazz dia 18; e a Orquestra de Jazz do Hot clube de Portugal com Julian Arguëlles, dia 19.



North Music Festival

DE 30 DE SETEMBRO A 2 DE OUTUBRO NA ALFÂNDEGA DO PORTO

O North Music Festival assume-se como um evento eclético, irreverente e inovador. Este ano, haverá três dias intensos com uma programação de excelência que inclui: Ornatos Violeta; Linda Martini; Zen; Paus (30); Onerepublic; David Fonseca; Capicua (1) e The Script; The Waterboys; GNR; Moulinex & Xinobi (2).

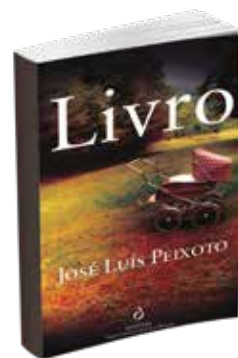
Ciclo de cinema ao ar livre

DIA 25 DE SETEMBRO NO JARDIM FERNANDO PESSA, LISBOA

O cinema ocupou o Areeiro durante o verão. Foram exibidos vários filmes, ao ar livre, no Jardim Fernando Pessa, perto da Avenida de Roma, nos últimos sábados de cada mês. Este ciclo termina no dia 25 de Setembro, com a projeção de “Um Santo de Vizinho”, de Theodore Melfi.



PARA LER



Livro José Luis Peixoto

Entre uma vila do interior de Portugal e Paris, entre a cultura popular e as mais altas referências da literatura universal, revela-se um passado que levou milhares de portugueses à procura de melhores condições fora de Portugal. Esta obra de José Luís Peixoto descreve a saga da emigração portuguesa para França, contada através de uma galeria de personagens inesquecíveis. “Livro” expõe a poderosa magnitude do sonho e a crueza, irônica, terna ou grotesca, da realidade. Através de histórias de vida, encontros e despedidas, os leitores são conduzidos a um final desconcertante onde se ultrapassam fronteiras da literatura. “Livro” confirma José Luís Peixoto como um dos principais romancistas portugueses contemporâneos e como um autor de crescente importância no panorama literário internacional.

Mors – Amor Sónia Ferreira

Os historiadores e os poetas têm por hábito contar os feitos dos vencedores. Grandes conflitos ganhos por generais e seus exércitos; aventuras em que a supremacia de uns se sobrepõe à derrota de outros. A história da Lusitânia é escassa, pois os únicos relatos que no chegam, vêm justamente de quem a conquistou. Esta não é uma história de guerras ou de batalhas. Não exulta as façanhas dos conquistadores. Numa mistura de ficção, fantasia e realidade, “Mors-Amor” transporta o leitor para 158 a.C., aquando das invasões romanas na Lusitânia. É um testemunho das vidas destes homens e mulheres, que durante 200 anos tentaram manter as suas tradições, cultura e liberdade contra o maior império do mundo, Roma.



ARTES



De Catchupa para Matapa

Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

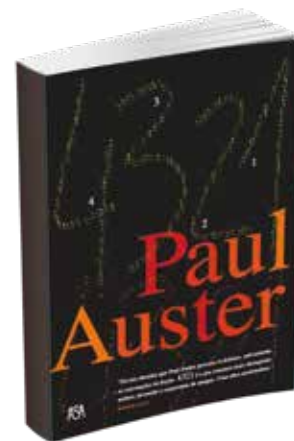
A residência artística Catchupa Factory – Novos Fotógrafos é uma iniciativa da Associação AOJE (Cabo Verde) dirigida a fotógrafos e artistas emergentes dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa que atua como uma plataforma de incentivo à criação artística e, ao longo de 5 edições, constituiu uma rede de mais de 40 criadores. Nesta exposição, estão representados os 10 artistas Moçambicanos de diferentes gerações e percursos: Mauro Vombe, Nuno Silas, Yassmin Forte, Edilson Tomás, Emídio Jozine, Vladimir Sousa, David Aguacheiro, Tina Krüger, Filomena Mairosse e Silasse Salomone. **ATÉ 12 DE SETEMBRO**

ARTES

Janela Indiscreta

Camões – Centro Cultural Português, Maputo

Em “Janela Indiscreta” o fotógrafo Mariano Silva apresenta 40 fotografias a preto e branco registadas a partir de uma única janela, a janela de um apartamento onde viveu, numa das avenidas mais movimentadas da capital de Moçambique. O resultado deste minucioso trabalho é uma enorme diversidade de imagens, que entre temas, formas, relevos, luzes, protagonistas e espaço, poderia sugerir um percurso pela cidade de Maputo. É precisamente nesta multiplicidade, e na perspetiva particular em que os registos foram capturados, que um simples cruzamento entre duas ruas se torna tão interessante. **ATÉ 10 DE SETEMBRO**



Viagem a um país inventado

Em tempos de pandemia, em que a livre deslocação entre países é um jogo de fortuna e azar, fui parar a um país nascido da pena de um dos personagens-escritor do romance 4 3 2 1 de Paul Auster, a minha leitura deste curto verão: Os Droons são mais felizes quando se queixam das condições do seu País. Os que vivem nas montanhas invejam aqueles que moram nos vales, e as pessoas dos vales anseiam por se mudar para as montanhas. Os agricultores não estão contentes com as suas colheitas, os pescadores resmungam com os resultados da faina diária e, no entanto, nunca algum pescador ou agricultor assumiu a responsabilidade pelos seus falhanços. Preferem culpar a terra e o mar, antes de admitir que não são lá grandes pescadores ou agricultores, que o conhecimento que já dominaram se perdeu com o tempo e que não são melhores a fazer o seu trabalho do que aprendizes mal treinados. Pela primeira vez nas minhas viagens, encontrei aquilo a que eu chamaria de um povo preguiçoso (...). Nem o meu corpo, nem a minha mente, deixaram este retângulo atlântico.



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Tete, Moçambique